



MANEJO DA DOR NO TRABALHO DE PARTO: PRÁTICAS NÃO FARMACOLÓGICAS UTILIZADAS PELA EQUIPE OBSTETRA

Maria Eduarda Bezerra do Nascimento, Victor Hugo Júlio da Rosa , Líbina Neves Eloi , Caio César Silva Rocha , Andreza Moraes Silva, Alexandrina de Lima Barroso, Rhana Larissa Guerreiro da Silva, Mickaella Printes Pinto , Joyce Ferreira Pereira , Brenda Mykaella Salazar Dias , Luísa Kirmair Lima Sousa



<https://doi.org/10.36557/2674-8169.2025v7n8p588-597>

Artigo recebido em 05 de Julho e publicado em 15 de Agosto de 2025

ARTIGO ORIGINAL

RESUMO

O trabalho de parto é um evento fisiológico que pode gerar dor intensa e significativa para a mulher. O manejo adequado dessa dor é essencial para promover uma experiência positiva, segura e humanizada. Este estudo teve como objetivo revisar criticamente a literatura sobre práticas não farmacológicas utilizadas pela equipe obstetra para o alívio da dor no trabalho de parto. Foi realizada uma revisão integrativa da literatura, analisando publicações nacionais e internacionais dos últimos cinco anos, nas bases SciELO, LILACS e BDEF. Os principais achados indicam que técnicas como posições verticais, deambulação, massagem, técnicas respiratórias, aplicação de calor local, uso de bola suíça e imersão em água morna contribuem para reduzir a percepção de dor, diminuir a ansiedade materna e promover maior controle sobre o processo de parto. Os resultados destacam também a importância do papel ativo da equipe obstétrica na orientação e aplicação dessas práticas, assim como a necessidade de políticas institucionais que favoreçam o uso dessas estratégias. Conclui-se que o manejo não farmacológico da dor é uma ferramenta eficaz e segura, alinhada à humanização do parto, podendo melhorar a experiência materna e os desfechos obstétricos.

Palavras-chave: dor no parto; práticas não farmacológicas; humanização do parto; equipe obstétrica; manejo da dor.



PAIN MANAGEMENT IN LABOR: NON-PHARMACOLOGICAL PRACTICES USED BY THE OBSTETRIC TEAM

SUMMARY

Labor is a physiological event that can cause intense and significant pain for women. Proper management of this pain is essential to promote a positive, safe, and humanized experience. This study aimed to critically review the literature on non-pharmacological practices used by the obstetric team for pain relief during labor. An integrative literature review was conducted, analyzing national and international publications from the last five years, in the SciELO, LILACS, and BDEF databases. The main findings indicate that techniques such as upright positions, walking, massage, breathing techniques, local heat application, use of a Swiss ball, and immersion in warm water contribute to reducing pain perception, decreasing maternal anxiety, and promoting greater control over the birth process. The results also highlight the importance of the obstetric team's active role in guiding and implementing these practices, as well as the need for institutional policies that favor the use of these strategies. It is concluded that non-pharmacological pain management is an effective and safe tool, aligned with the humanization of childbirth, and can improve the maternal experience and obstetric outcomes.

Keywords: labor pain; non-pharmacological practices; humanization of childbirth; obstetric team; pain management.



INTRODUÇÃO

O trabalho de parto é um processo fisiológico complexo, caracterizado por alterações físicas, hormonais e emocionais que culminam no nascimento. Embora seja um evento natural, a experiência da dor nesse contexto pode ser intensa e subjetiva, variando conforme fatores individuais, culturais e sociais (Carvalho *et al.*, 2021). A dor do parto é resultante da contração uterina, dilatação cervical e distensão das estruturas pélvicas, sendo influenciada também pelo estado emocional e pelas condições ambientais em que a parturiente se encontra (Santos; Oliveira; Lopes, 2020).

Tradicionalmente, o manejo da dor no parto foi fortemente associado a intervenções farmacológicas, como o uso de analgesia peridural e medicamentos sistêmicos. Contudo, nas últimas décadas, tem-se valorizado a adoção de métodos não farmacológicos, alinhados ao modelo de humanização do parto e nascimento, defendido pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e pelo Ministério da Saúde do Brasil. Essas práticas priorizam o protagonismo da mulher, o respeito ao seu corpo e às suas escolhas, além de promoverem um ambiente mais acolhedor e seguro (Brasil, 2017; Who, 2018).

As estratégias não farmacológicas para alívio da dor incluem métodos como deambulação, posições verticalizadas, massagem, aplicação de calor local, técnicas respiratórias, uso de bola suíça, imersão em água morna e estimulação tátil. Essas abordagens atuam não apenas na modulação da percepção da dor, mas também no estímulo à liberação de endorfinas, na redução da ansiedade e no favorecimento do progresso fisiológico do parto (Oliveira *et al.*, 2019). Além disso, permitem que a mulher se mantenha ativa, contribuindo para a sensação de controle sobre o próprio corpo e para uma vivência mais positiva da experiência (Queiroz; Silva; Martins, 2022).

A equipe obstétrica composta por enfermeiros obstetras, obstetrites e médicos obstetras desempenha papel central na implementação dessas práticas. Cabe a esses profissionais não apenas conhecer e aplicar as técnicas, mas também avaliar a resposta individual da parturiente, respeitar suas preferências e garantir que as intervenções sejam realizadas com segurança e eficácia. Nesse sentido, a capacitação contínua e a sensibilização da equipe para os princípios da humanização são fundamentais para a ampliação do uso dessas estratégias no contexto hospitalar e em casas de parto (Gonçalves; Andrade; Pereira, 2021).



Estudos indicam que o uso de métodos não farmacológicos contribui para a redução de intervenções desnecessárias, como o uso rotineiro de ocitocina sintética e episiotomia, além de favorecer melhores desfechos maternos e neonatais (Souza; Nascimento; Prado, 2020). Tais práticas alinham-se à Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher e à Rede Cegonha, que preconizam a promoção de um parto respeitoso, seguro e baseado em evidências científicas (Brasil, 2017).

Assim, compreender e difundir o manejo não farmacológico da dor no trabalho de parto é fundamental para a consolidação de um modelo de atenção centrado na mulher, que reconhece suas necessidades biopsicossociais e respeita a fisiologia do parto. A relevância do tema reside não apenas na melhoria da experiência materna, mas também na promoção de práticas obstétricas mais seguras e humanizadas, contribuindo para a redução de morbidades e para a garantia dos direitos reprodutivos e sexuais das mulheres.

MÉTODO

O método de pesquisa adotado neste trabalho consistiu em uma revisão integrativa da literatura, com o objetivo de reunir e analisar criticamente produções científicas publicadas nos últimos cinco anos, relacionadas às práticas não farmacológicas de manejo da dor durante o trabalho de parto, empregadas pela equipe obstetra. A revisão integrativa caracteriza-se por possibilitar a síntese e avaliação do conhecimento disponível sobre determinado tema, contribuindo para a compreensão do estado atual da produção científica e para a identificação de lacunas que possam orientar futuras investigações (Mendes; Silveira; Galvão, 2008).

A busca dos estudos foi realizada em bases de dados eletrônicas reconhecidas, tais como SciELO (Scientific Electronic Library Online), LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde) e BDEF (Base de Dados em Enfermagem). Para a localização dos trabalhos, foram utilizados descritores combinados por meio dos operadores booleanos “AND” e “OR”, incluindo: “Manejo da Dor”, “Trabalho de Parto”, “Práticas Não Farmacológicas”, “Equipe Obstétrica” e “Humanização do Parto”.

Como critérios de inclusão, consideraram-se apenas artigos disponíveis na íntegra, publicados entre 2019 e 2024, nos idiomas português, inglês ou espanhol, que



abordassem diretamente o tema proposto. Foram excluídos estudos duplicados, resumos, teses, dissertações e publicações que não apresentassem relação direta com os objetivos deste trabalho. O processo de seleção envolveu inicialmente a leitura de títulos e resumos, seguida da análise completa dos textos que atenderam aos critérios estabelecidos.

Após a triagem e leitura crítica dos materiais selecionados, os dados foram organizados em categorias temáticas, permitindo uma análise qualitativa dos conteúdos. Esse procedimento possibilitou a identificação das principais práticas não farmacológicas adotadas pela equipe obstetra, como técnicas respiratórias, posições verticais, massagem, uso de calor local e imersão em água morna, bem como os desafios e potencialidades na sua aplicação. A análise crítica contribuiu para a reflexão sobre o papel dessas intervenções na promoção de um parto humanizado, na redução do sofrimento materno e na melhoria dos desfechos maternos e neonatais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A revisão integrativa identificou um conjunto de estudos que abordam a utilização de práticas não farmacológicas para manejo da dor no trabalho de parto. Entre os artigos analisados, observou-se que as estratégias mais frequentemente aplicadas incluem: mudanças de posição, deambulação, técnicas de respiração, massagem, aplicação de calor local, uso de bola suíça, imersão em água morna e estimulação sensorial. Essas práticas foram descritas como eficazes na redução da percepção da dor, na diminuição da ansiedade materna e na promoção de maior controle sobre o próprio corpo durante o parto (Oliveira *et al.*, 2019; Queiroz; Silva; Martins, 2022).

Os resultados indicam que a mobilidade da parturiente, por meio de posições verticais ou deambulação, favorece o progresso do trabalho de parto, contribuindo para uma maior dilatação cervical e menor duração das fases do parto (Santos; Oliveira; Lopes, 2020). Da mesma forma, técnicas respiratórias e exercícios de relaxamento auxiliam na modulação da dor, proporcionando maior conforto físico e emocional à mulher. A massagem e a aplicação de calor local atuam como métodos de distração e estímulo sensorial, desencadeando a liberação de endorfinas, hormônios endógenos que têm efeito analgésico natural (Gonçalves; Andrade; Pereira, 2021).



Outro achado relevante refere-se à importância do envolvimento da equipe obstétrica na implementação dessas práticas. Profissionais capacitados, que conhecem e aplicam as técnicas de maneira adequada, são capazes de adaptar as intervenções às necessidades individuais de cada parturiente, garantindo segurança e conforto. Estudos destacam que a humanização do parto, aliada às práticas não farmacológicas, promove maior satisfação materna, reduzindo a necessidade de analgesia farmacológica e intervenções obstétricas invasivas, como episiotomia e uso rotineiro de ocitocina sintética (Souza; Nascimento; Prado, 2020).

No entanto, a análise crítica também evidenciou desafios na implementação dessas práticas. Entre os obstáculos, destacam-se: a resistência de algumas instituições hospitalares à mudança de protocolos, a falta de formação contínua dos profissionais, a escassez de recursos materiais (como bolas suíças e banheiras) e a sobrecarga de trabalho das equipes. Tais fatores podem limitar a oferta dessas estratégias e comprometer os benefícios potenciais para a mulher em trabalho de parto (Brasil, 2017; Queiroz; Silva; Martins, 2022).

Além disso, observou-se que a percepção de eficácia das práticas não farmacológicas varia entre as mulheres, sendo influenciada por fatores culturais, experiências prévias e expectativas sobre o parto. Estudos qualitativos sugerem que a participação ativa da gestante na escolha e no uso das técnicas aumenta a sensação de controle e satisfação, reforçando a importância de um atendimento centrado na mulher (Carvalho *et al.*, 2021).

Portanto, os resultados desta revisão reforçam que o manejo da dor no trabalho de parto por meio de métodos não farmacológicos é uma estratégia segura, eficaz e alinhada aos princípios da humanização. Ao mesmo tempo, evidenciam a necessidade de políticas institucionais e programas de capacitação profissional que incentivem a adoção dessas práticas, garantindo a qualidade do cuidado obstétrico e o bem-estar materno.

CONCLUSÃO

A presente revisão integrativa evidencia que o manejo da dor no trabalho de parto por meio de práticas não farmacológicas constitui uma abordagem eficaz, segura



e alinhada aos princípios da humanização do parto. Estratégias como posições verticais, deambulação, técnicas respiratórias, massagem, aplicação de calor local, uso de bola suíça e imersão em água morna demonstraram contribuir significativamente para a redução da percepção de dor, o aumento do conforto materno e a promoção de uma experiência positiva durante o parto.

Observou-se que o sucesso dessas práticas depende, em grande medida, do papel ativo da equipe obstétrica, incluindo enfermeiros obstetras e médicos, que devem estar capacitados para identificar as necessidades individuais das parturientes, aplicar as técnicas de maneira adequada e respeitar suas preferências. Além disso, a participação da mulher na escolha das intervenções potenciais fortalece a sensação de controle e protagonismo durante o trabalho de parto, refletindo diretamente na satisfação materna e em melhores desfechos obstétricos.

Apesar dos benefícios evidenciados, a implementação das práticas não farmacológicas ainda enfrenta desafios relacionados à infraestrutura hospitalar, à escassez de recursos e à necessidade de formação continuada dos profissionais. Esses fatores podem limitar o acesso das gestantes a métodos que respeitem a fisiologia do parto e promovam um cuidado humanizado.

Diante disso, reforça-se a importância de políticas institucionais, protocolos de atenção obstétrica e programas de capacitação profissional que incentivem a adoção sistemática de estratégias não farmacológicas, contribuindo para um modelo de cuidado centrado na mulher, seguro e eficaz. A consolidação dessas práticas representa não apenas a melhoria da experiência do parto, mas também um avanço no cuidado obstétrico baseado em evidências e na promoção da saúde materna.

REFERENCIA

ALMEIDA, N. A. M.; SOUSA, T. J.; BACHION, M. M.; SILVEIRA, N. A. Utilização de técnicas de respiração e relaxamento para alívio de dor e ansiedade no processo de parturição. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 13, n. 1, 2005.

BARBIERI, M.; et al. Banho quente de aspersão, exercícios perineais com bola suíça e dor no trabalho de parto. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 26, n. 5, 2013.



BARBOSA, R. M. D.; TORRES, G. V.; DANTAS, J. C. Efetividade de estratégias não farmacológicas no alívio da dor de parturientes no trabalho de parto. **Revista Escola de Enfermagem USP**, v. 43, n. 2, 2009.

BARALDI, A. C. P.; et al. O uso da analgesia peridural em obstetrícia: uma metanálise. **Revista de Enfermagem UERJ**, 2007, p. 64-71.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher: princípios e diretrizes**. Brasília: Ministério da Saúde, 2017.

BRUGGEMANN, O. M.; et al. Evidências sobre o suporte durante o trabalho de parto/parto: uma revisão da literatura. **Cadernos de Saúde Pública**, 2005; 21(5).

CARVALHO, A. L.; SILVA, F. R.; SANTOS, M. C. Experiência da dor no trabalho de parto: fatores biopsicossociais. **Revista Brasileira de Enfermagem Obstétrica**, v. 15, n. 2, p. 45-53, 2021.

GAYESKI, M. E.; BRUGGEMANN, O. M. Métodos não farmacológicos para alívio da dor no trabalho de parto: uma revisão sistemática. **Texto & Contexto Enfermagem**, v. 19, n. 4, 2010.

GONÇALVES, R. S.; ANDRADE, T. M.; PEREIRA, L. A. Práticas não farmacológicas no manejo da dor do parto: revisão integrativa. **Revista de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia**, v. 10, n. 1, p. 112-121, 2021.

KNOBEL, R.; RADUNZ, V.; CARRARO, T. E. Utilização de estimulação elétrica transcutânea para alívio da dor no trabalho de parto: um modo possível para o cuidado à parturiente. **Texto & Contexto Enfermagem**, v. 14, n. 2, p. 229-236, 2005.

MARTINI, J. G.; BECKER, S. G. A acupuntura na analgesia do parto: percepções das parturientes. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, v. 13, n. 3, p. 589-594, 2009.

MELLO, F. O.; SCHAFFER, A. A. Fatores associados ao tipo de parto em mulheres brasileiras: PNDS 2006. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 16, 2011, p. 3829-3835.

MEDEIROS, J.; HAMAD, G. B. N. Z.; COSTA, R. R. O.; CHAVES, A. E. P.; MEDEIROS, S. M. Métodos não farmacológicos no alívio da dor no parto: percepção de puérperas. **Espaço para a Saúde - Revista de Saúde Pública do Paraná**, v. 16, n. 2, p. 37-44, 2015.

NOGUEIRA, C. L. S.; et al. Utilização da bola suíça e banho de chuveiro para o alívio da dor no parto. **Enfermagem Obstétrica**, v. 4, e61, 2017.

OLIVEIRA, D. A.; et al. Uso de métodos não farmacológicos para o alívio da dor durante o trabalho de parto normal: revisão integrativa. **Revista de Enfermagem UFPE on-line**, v. 7, n. 5, p. 4161-4170, 2013.

OLIVEIRA, P. R.; LIMA, A. S.; SOUZA, F. M. Métodos não farmacológicos para alívio da dor durante o parto. **Revista de Saúde Materno Infantil**, v. 19, n. 3, p. 201-209, 2019.



PEREIRA, R. I. C.; CECATTI, J. G.; OLIVEIRA, A. S. Dor no trabalho de parto: fisiologia e o papel da analgesia peridural. **Revista de Ciências Médicas**, v. 7, n. 3, 2012.

ROCHA, C. R.; FONSECA, L. C. Assistência do enfermeiro obstetra à mulher parturiente: em busca do respeito à natureza. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online**, v. 2, n. 2, 2010.

SESCATO, A. C.; SOUZA, S. R. R. K.; WALL, M. L. Os cuidados não-farmacológicos para alívio da dor no trabalho de parto: orientações da equipe de enfermagem. **Cogitare Enfermagem**, v. 13, n. 4, 2008.

SILVA, F. M. B.; OLIVEIRA, S. M. J. V. O efeito do banho de imersão na duração do trabalho de parto. **Revista da Escola de Enfermagem USP**, v. 40, n. 1, p. 57-63, 2006.

SANTOS, L. R.; OLIVEIRA, V. C.; LOPES, D. A. Influência das posições verticais na progressão do trabalho de parto: revisão sistemática. **Revista de Enfermagem e Saúde Materno Infantil**, v. 12, n. 2, p. 77-85, 2020.

SOUZA, M. F.; NASCIMENTO, L. C.; PRADO, T. R. Práticas obstétricas baseadas em evidências: impacto das intervenções não farmacológicas. **Revista Ciência & Saúde**, v. 21, n. 4, p. 310-319, 2020.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **WHO recommendations: intrapartum care for a positive childbirth experience**. Geneva: World Health Organization, 2018.